

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PROJETO DE PESQUISA – Trabalho de Conclusão de Curso

CLEANE DA COSTA SILVA

**AS EXPRESSÕES DO RACISMO ANTI NEGRO NAS ESCOLAS DE ENSINO
FUNDAMENTAL I - ACARAPE (CE)**

Redenção-CE

2018



**AS EXPRESSÕES DO RACISMO ANTI NEGRO NAS ESCOLAS DE ENSINO
FUNDAMENTAL I - ACARAPE (CE)**

CLEANE DA COSTA SILVA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras – IHL da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Geranilde Costa e Silva

Redenção-CE

2018



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
PROJETO DE PESQUISA MONOGRÁFICA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acarape, ____ de _____ de 2018

CLEANE DA COSTA SILVA

**AS EXPRESSÕES DO RACISMO ANTI NEGRO NAS ESCOLAS DE ENSINO
FUNDAMENTAL I - ACARAPE (CE)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Geranilde Costa e Silva (orientadora)

UNILAB

Prof.^a Dra. Fátima Maria Araújo Bertini

UNILAB

Prof. Dr. Evaldo Ribeiro Oliveira

UNILAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo dom da vida e por ter me abençoado sempre nesta minha caminhada.

À minha mãe, Cleilda Batista, que sempre esteve ao meu lado e que sempre me dá força e incentivo, e também à minha avó materna, Albertina da Costa, que me acolheu desde criança e sempre me deu força para continuar. À essas duas guerreiras minha profunda admiração.

Agradeço também à toda minha família, pelo apoio e carinho.

À minha orientadora, na pessoa da professora Geranilde Costa e Silva, por ter sido paciente e ter me ajudado à construir esse projeto, à ela minha imensa gratidão.

À todos os professores/as que contribuíram para o meu desenvolvimento ao longo de minha vida, desde o ensino fundamental até o ensino superior, a todos e a todas o meu muito obrigado.

Aos amigos que conquistei e que estiveram sempre comigo.

À UNILAB, por ter sido assim uma universidade que me trouxe grande aprendizado, que me possibilitou ver o mundo com outros olhos, que me fez conhecer pessoas as quais tenho imenso carinho e assim sou muito grata por fazer parte de uma universidade que tem um belo projeto de integração.

Por fim sou grata à todos e à todas que contribuíram direta ou indiretamente nesse meu caminhar.

A minha mais sincera gratidão!

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

(Nelson Mandela)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 - JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA	10
1.1 - MINHAS VIVÊNCIAS ESCOLARES	10
2 - A ESCOLHA DO TEMA	17
3 - OBJETIVO GERAL	20
3.1 - OBJETIVOS ESPECIFICOS	20
4 - TRATANDO DO O RACISMO ANTI-NEGRO	21
4.1 - O RACISMO NO LIVRO DIDÁTICO E A LEI Nº 10.639/03	25
5- METODOLOGIA DA PESQUISA	29
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

RESUMO

A temática “racismo na escola” é um assunto que sem dúvidas merece ser visto com mais atenção. Nesse sentido, esse projeto de pesquisa buscará investigar como se dá e/ou como se expressa as formas de racismo praticadas na escola. Para a construção desse projeto será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, por meio de observação participante e de entrevistas. Esse trabalho tem a seguinte organização: a primeira parte trata-se de um memorial, que vai contar a minha trajetória escolar, desde o ensino fundamental até o superior. Logo depois vem a justificativa para a escolha do tema pesquisado e assim o objetivo geral e os específicos. Adiante é trazido o assunto sobre racismo, assim como o seu conceito e implicações, num segundo momento ainda é discutido a questão do racismo nos livros didáticos, assim como a aplicação da lei 10.639/03, e o que a mesma veio a implementar. Trazendo adiante vem a metodologia para a construção da pesquisa e finalizando assim com as considerações finais e algumas conclusões percebidas nesse processo.

Palavras chave: Racismo, escola, educação, discriminação.

ABSTRATC

The theme of "racism in school" is a subject that undoubtedly deserves to be seen with more attention. In this sense, this research project will seek to investigate how the forms of racism practiced in the school are given and / or expressed. For the construction of this project will be developed a qualitative research, through participant observation and interviews. This work has the following organization: the first part is a memorial, which will tell my school trajectory, from elementary to higher education. Soon thereafter the justification for the choice of the subject searched and thus the general objective and the specific ones. The subject of racism is brought forward, as well as its concept and implications, in a second moment the issue of racism in textbooks is discussed, as well as the application of Law 10.639 / 03, and what it came to implement. Bringing ahead comes the methodology for the construction of the research and thus finalizing with the final considerations and some conclusions perceived in this process.

Keywords: Racism, school, education, discrimination.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o racismo existe, isso é um fato inegável, e levando em consideração a sua ocorrência, este trabalho vai se construindo na sua existência quanto ao âmbito escolar, pois os espaços educacionais não estão privados desse fato.

Falar no racismo dentro das escolas é falar sobre a dura realidade de muitas crianças e jovens que vivenciam e presenciam isso no seu cotidiano, e diante disso a questão aqui colocada é procurar saber como se dá esse racismo, ou seja, como ele se expressa dentro desse ambiente.

Estruturando aqui o prosseguimento do referido projeto, a primeira parte se trata de um memorial, contando assim a minha trajetória escolar.

A segunda parte se refere à justificativa, assim como também da relevância em se pautar o assunto. Em seguida, os objetivos, o qual é explícito assim o objetivo geral e os específicos.

Já o tópico 4 (quatro), vem tratando do racismo anti negro, onde traz assim a sua significação e algumas considerações de autores para a contextualização do tema. Dentre eles estão Azoilda Trindade, Silva e Paludo, Sales e Silva, entre outros.

Seguindo adiante é abordado a questão do racismo também em livros didáticos, assim como também do problema em que muitos jovens e crianças não se reconheçam nesses materiais, além disso é apresentado a lei 10.639/03, lei essa que foi assim uma grande conquista e que sem dúvidas trouxe a oportunidade de que não só estudantes, mais que a comunidade escolar no geral conheça a história e cultura afro-brasileira no processo de construção da nação.

Adiante é exposta a metodologia usada no projeto, assim como algumas falas de ex estudantes que vivenciaram/presenciaram por racismo e/ou discriminação, contribuindo assim para a construção do trabalho.

1- JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA

1.1 - MINHAS VIVÊNCIAS ESCOLARES.

Ingressei na escola quando eu tinha entre 7 (sete) a 8 (oito) anos de idade. Na época, lembro-me que era a série conhecida como “alfabetização”, lá entrei tardiamente, pois minha mãe decidiu por me matricular na escola somente quando eu estivesse mais crescida. No entanto, não tive dificuldades de acompanhar as atividades escolares e nem mesmo em relação à leitura, pois ao ingressar nesse ambiente já sabia escrever meu nome e conhecia as letras do alfabeto, e isso, devia-se ao empenho das minhas tias em me ensinar em casa antes do meu contato com o espaço escolar, o que facilitou bastante no meu processo de interação com o novo ambiente.

Durante todo o ensino fundamental estudei na mesma escola que fazia parte da rede pública, e essa instituição ficava bem próxima da minha casa e os/as professores eram todos da mesma comunidade que eu, lembro-me que era um espaço não muito grande, mais que era um lugar agradável.

No começo desta minha caminhada, como toda criança, nos primeiros dias de aula me senti um pouco desconfortável, pois ali era um espaço que até então eu nunca havia frequentado, mas com o passar do tempo criei amizades e com a entrada dos meus irmãos lá me senti mais “animada”.

Quando passei a frequentar a 5ª série fui remanejada para o turno da tarde, período esse que estudavam os/as alunos/as maiores, que era da 5ª até a 8ª série. Durante esse período que compreendia a pré-adolescência à adolescência foi mais “complicado”, pois a partir dessa fase eu não me socializava mais com os “grupinhos” que se formam, talvez por conta da timidez, porém isso jamais afetou o meu desempenho escolar e sempre obtive bons resultados.

Nos anos de 2008 e 2009 ganhei medalhas de ouro e prata por ter participado da XI e da XII Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica - OBA, respectivamente. Lembro que fiquei bem feliz, ainda entre esses anos fui escolhida para participar de uma visita a Bienal do Livro em Fortaleza. Sendo essa uma experiência bem importante pois ali fiquei encantada pelo mundo da leitura e da escrita, onde eu pude ver o quão vasto é o universo literário.

Recordo-me que durante uma aula de História, ainda no ensino fundamental II, mais precisamente sobre o continente africano, ouvi a professora falar sobre o projeto de criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-

UNILAB, foi ali que tive o primeiro conhecimento sobre esta instituição, e passei a ter esperanças de poder cursar o ensino superior e ainda melhor, na minha cidade natal.

No ano de 2010 estava no último ano do ensino fundamental II, e à medida que os meses iam passando mais ansiosa eu ficava por conta das provas finais e por conta da minha passagem para uma nova fase da minha vida acadêmica, que seria o ensino médio.

Lembro-me que havia um grande incentivo por parte dos/as professores/as em fazer com que os/as alunos/as ingressassem em uma escola estadual de tempo integral, pois ali havia ensino técnico e que nos possibilitaria um melhor desempenho na nossa vida profissional. Contudo optei por me matricular em uma escola de ensino médio estadual pública regular, lembro que na época tive que fazer uma prova para “garantir” a minha vaga, no entanto, mais tarde fiquei sabendo que aquela prova era para agrupar os/as estudantes conforme a nota que cada estudante tinha ganho naquela avaliação, como em níveis de aprendizado.

O ano de 2011 chegou e com ele minhas expectativas e ansiedade só aumentavam, já que seria o meu primeiro ano em uma nova escola, este colégio, por sua vez, ficava um pouco distante da minha casa e por isso para me deslocar até ele eu precisava acordar bem cedo, para pegar um ônibus escolar que passava cedinho.

Lembro-me ainda de toda aquela euforia do primeiro dia de aula, o ginásio da escola lotado de alunos/as, muitos ali como eu, presenciando o seu primeiro dia e outros já veteranos, e foi ali que o diretor nos deu as boas-vindas e apresentou assim as regras da escola, o corpo docente, os/as funcionários/as e de certa forma a nossa nova rotina dali em diante.

Os primeiros dias que se seguiram foram só novidades, pois além de estar em contato com um novo corpo docente, eu estava ali também em contato com um método de ensino totalmente diferenciado do que eu estava acostumada a ter na minha antiga escola, desde a forma como a sala era organizada até os trabalhos e provas, pois ali de certa maneira os/as educandos/as estavam adentrando a uma nova fase, que nos incitava a ter um censo crítico sobre vários assuntos, através de aulas mais dialogadas, puxando para o lado de debates.

Já no segundo ano, me senti mais à vontade e familiarizada com todo aquele ambiente, e a partir de 2012, a escola passou a realizar a Feira das Profissões, e nessa primeira edição, cada sala ficou responsável por uma profissão e, assim, juntamente

com o professor apresentá-la ao público, sendo este formado por estudantes da escola e também os/as visitantes que viriam nos prestigiar.

Lembro-me que minha sala ficou responsável pelo tema Ciências Contábeis e assim reservamos um espaço do ginásio e passamos ali a fazer uma simulação de como funcionaria essa profissão, além de também fornecer informações às pessoas sobre a mesma.

Nesse mesmo ano também houve a feira literária, e mais uma vez cada sala foi intitulada por nomes de escritores e/ou autores/as. Dessa forma cada turma ficou encarregada de apresentar a vida e obra do respectivo escritor/autor e também encenar uma peça de teatro, cantar uma paródia e recitar um poema, e deixando claro aqui que tudo isso seria avaliado por um corpo de jurados e que a sala “vencedora” ganharia uma pequena viagem.

Foi uma experiência muito gratificante, pois ali aprendi muito, principalmente a trabalhar em grupo, sem contar que ali se fortaleceu bastante a amizade da turma toda.

E durante esse tempo tinha também um cursinho preparatório voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, oferecido pela escola, então minha rotina era estudar pela manhã, dar aula particular de reforço à tarde e durante a noite fazer o cursinho preparatório, que sem dúvidas me ajudou bastante na hora de realizar as provas do ENEM.

Quando o final do ano já se aproximava e assim também o ENEM, era a primeira vez que eu iria fazer a prova, no entanto, não fiquei com muitas expectativas, pois para mim serviria apenas como uma experiência. E como eu ainda estava cursando o 2º ano, aproveitei para adquirir mais conhecimentos acerca dessa prova que para mim seria uma grande oportunidade de ingressar no ensino superior.

Nas provas finais do mesmo ano, isso em 2012, obtive mais uma vez êxito e fui aprovada com sucesso, foi um ano de muito aprendizado, e esforço mas também de uma grande tristeza, pois em agosto do referido ano meu avô faleceu.

Enfim o meu último ano no ensino médio, o tão esperado 3º ano, perspectivas a mil, a pressão por ter que entrar em uma faculdade, ou quem sabe um primeiro emprego, é como se a pessoa, no caso eu, tivesse que “resolver” e planejar toda sua vida a partir daquele momento.

Mais uma vez a escola desenvolveu o projeto Feira Literária, e dessa vez o homenageado foi Monteiro Lobato¹, e com a ajuda da professora fizemos todo o planejamento de como seria a nossa apresentação e assim foi dividida as tarefas que seriam desempenhadas por pequenas equipes, e dessa vez fiquei responsável pela confecção de cartazes e organização da sala. Sendo essa mais uma vez foi uma ótima experiência, sem falar também no aprendizado ao longo dessas apresentações.

O ano de 2014 chegou, fiquei na expectativa de ingressar para algum curso da UNILAB, que era a instituição que eu havia feito a minha inscrição através do Sistema de Seleção Unificada - SISU, minha ansiedade era grande, porém, não fui aprovada para a referida instituição. Aproveitei assim durante todo esse ano para me preparar e estudar para voltar a fazer a prova e dessa vez conseguir ser aprovada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, que agora seria assim o meu objetivo.

Fiz novamente a prova (a partir do segundo semestre de 2014), e assim aguardei ansiosa pelo resultado, no entanto, em dezembro do mesmo ano, um acontecimento triste veio a ocorrer, que foi a morte do meu pai, o que me deixou bastante abalada.

Enfim 2015, fiz a minha inscrição de novo para a UNILAB, e em meados de maio recebi através de um amigo, a confirmação que eu havia conseguido a tão sonhada vaga, no curso de Bacharelado em Humanidades. Fiquei muito feliz e ali tive uma força para tentar me recuperar da morte do meu pai.

No dia 08 de junho iniciei meus estudos na UNILAB, mas a primeira semana de aulas foi mais complicada, pois eu tive que adaptar a uma nova rotina, e principalmente voltar a estudar à noite.

Por sua vez, senti uma grande diferença em relação às formas de ensino, de avaliação e quanto às atividades a serem desenvolvidas. Lembro-me que a minha maior dificuldade logo no começo foi acerca das apresentações de seminário, talvez por conta da minha timidez. Durante o primeiro trimestre, foram várias atividades avaliativas, como, por exemplo: provas, seminários, fichamentos, resumos e entre outras.

¹ José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato; foi um literato, diretor, ensaísta e tradutor brasileiro, nasceu em Taubaté, interior de São Paulo no ano de 1882, era formado em direito e teve como sua obra de maior notoriedade O Sítio do Pica-Pau Amarelo, de gênero infantil, assim como a maioria de seus feitos, se caracteriza como um pré-modernista e faleceu em 1948, também no estado de São Paulo.

E foi em uma disciplina desse mesmo trimestre que juntamente com um trio de colegas resolvemos criar um curta-metragem que dialogasse com o assunto dado em uma das aulas, sendo essa atividade muito bem avaliada pelo respectivo professor e colegas de turma. E por fim consegui ser aprovada em todas as disciplinas.

Durante o recesso acadêmico tive a oportunidade de participar do Trimestre da Integração Acadêmico Cultural, - TIAC, no qual fiz duas disciplinas, que certamente me fizeram conhecer outras formas de visão de mundo e obter um grande aprendizado, das quais foram elas: *“Por uma concepção de humanidade autêntica: discussão sobre a branquitude e a negritude numa concepção teórica e política”* e *“Construções identitárias na contemporaneidade”*. Uma abordava a questão da ótica teórica e social acerca da concepção de branquitude e negritude e a outra de como era sistematizado o processo de estruturação da nossa identidade, respectivamente.

Com a volta às aulas tive novamente a chance de participar de um novo curta-metragem, dessa vez partimos para um lado mais cômico, mas que não fugisse do assunto que nos fora proposto, que na ocasião se tratava da vida de Platão e Aristóteles, dessa vez fizemos com mais preparo e “produção”, procedemos da ideia de juntar a antiguidade com a contemporaneidade, onde os dois filósofos estariam sendo entrevistados em um “talk show²”. Ficou bem divertido e mais uma vez todos aplaudiram.

Outro trabalho que me proporcionou muito conhecimento foi um artigo que tive o privilégio de escrever em conjunto com outros três colegas, artigo esse que teve como título: *“O envelhecimento nos dias atuais: O olhar do idoso sobre a velhice na cidade de Acarape.”* Tivemos a felicidade de ir até os/as idosos/as em um Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, localizado na cidade de Acarape, onde foi estudado a população idosa matriculada em um grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculo do referido centro. Ali pudemos ouvir as suas percepções e histórias, foi muito gratificante e edificante, pois o grupo de idosos/as se mostrou acolhedor e aberto à conversa. Por fim foi um trabalho que por certo me acrescentou muito, tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito pessoal. Pois com a conversa que tive com o grupo de idosos aprendi muito com as seus relatos e experiências.

² É um gênero de TV ou rádio que se caracteriza por uma ou mais pessoas discutirem determinado assunto, de forma descontraída e natural, mediados por um apresentador. Na maioria das vezes acontece na presença de uma plateia, que tem liberdade de se manifestar a partir de algum momento.

Outra situação que tive a oportunidade de participar recentemente foi de cursar a disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, que até então eu nunca tinha tido contato, e posso dizer que foi um período que muito acrescentou na minha “bagagem” durante esta minha estada na UNILAB, e nela pude ainda também participar de uma peça de teatro toda produzida em LIBRAS e estar escrevendo um artigo (com dois colegas), relacionado ao desafio da sua inserção no ensino básico.

Ao longo desses dois anos na UNILAB pude ter contato com estudantes de várias nacionalidades e regiões do Ceará, professores/as de outros estados do Brasil e até de outros países.

Foram vários momentos importantes que sem dúvidas me deixaram um grande conhecimento, participar de todo esse período me trouxe um novo olhar em relação a muitas coisas, abri minha visão de mundo. Muitos foram artigos, peças de teatro, trabalhos, resumos, ensaios, relatórios e seminários que estiveram a me acompanhar durante esse tempo e sem falar nos amigos que conquistei e que estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Ainda me restam alguns anos entre concluir o Bacharelado em Humanidades e iniciar a tão esperada terminalidade em Pedagogia, mas espero continuar fazendo desse tempo um período de grande aprendizado e vivências maravilhosas, contribuindo assim para o meu desenvolvimento pessoal/profissional como também do meio em que estou inserida.

Apesar de não me recordar se fui vítima de racismo e/ou preconceito, sei que na escola existe racismo, e ele se faz presente também em outros ambientes, só que muitas vezes devido à correria do dia a dia não prestamos tanta atenção assim. Quando se é aluno/a, principalmente das series iniciais, tudo é visto como implicância. Durante a minha trajetória escolar eu via certos tipos de comportamentos e comentários e achava que aquilo era “coisa de criança ou de adolescente”, e com o tempo eu ia entendendo que aquilo era mais do que falta de respeito para com o outro, eram comentários sobre as características físicas e biológicas do outro, como falar do cabelo, e fazer comparações com animais, como a exemplo: pessoa alta é comparada com girafa, pessoa negra com macaco, é através desses comentários e “brincadeiras” que o preconceito vai se manifestando. Basta olhar ao nosso redor e ver que o racismo e as discriminações estão ali presentes, e por mais que possa parecer brincadeira, nada diminui a sua gravidade perante a ofensa e o dano causado no outro. Nesse sentido, é

que me interessei em pesquisar sobre como se dá ou sobre as expressões do racismo na escola.

2 – A ESCOLHA DO TEMA

O meu interesse em trabalhar com o tema aqui apresentado surgiu de fato depois de assistir em uma rede social o vídeo de uma mãe confortando sua filha, que aparentava ter aproximadamente 05 (cinco) anos de idade. A criança estava chorando muito e no decorrer do vídeo vem o motivo de toda aquela tristeza, a menina tinha sofrido preconceito e discriminação racial por parte de uma coleguinha que falou do cabelo afro da jovem, se referindo ao mesmo como “feio”.

Ali pude ver que aquela mãe tentava acalmar e encorajar a filha, no entanto, me tocou bastante aquela situação, ao ver que mesmo sendo bem nova a criança já se sentiu mal em relação ao comentário da colega.

Assim resolvi pesquisar sobre o racismo³ e sobre como acontece o racismo anti negro⁴ no ambiente escolar, em especial no ensino fundamental I, em Acarape (Ce). Sobre o conceito de racismo Gomes (2005), faz a seguinte explanação:

O racismo, é por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado, um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (GOMES, 2005. p. 52).

Vendo a mãe frisando o quão linda a filha é, ela falando repetidamente “seu cabelo é lindo”, pude ver que ali ela colocou em sua filha o sentimento de empoderamento e aceitação, o que de fato é bem importante, pois se um tipo de comentário negativo desse causa em um adulto um abalo na sua autoestima, na criança também impacta, por isso o fato da mãe dialogar com ela e ter essa atitude foi relevante.

A partir daquele momento comecei assim a olhar para esse assunto com mais atenção e assim me surgiu o interesse pelo assunto - racismo no ambiente escolar - e com isso resolvi escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, com essa temática, que sem dúvidas é um tema que precisa ser pautado e discutido, seja ele no ambiente que for, principalmente no universo colegial.

³ Segundo Munanga (2003, p. 8), “o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.”

⁴ Segundo conceitua Junior (2013, p. 5), o “racismo anti negro na sociedade brasileira é estrutural; fundamenta a formação social brasileira e produz o processo de dominação sobre os grupos socialmente denominados como negros, escuros ou pretos, pelos grupos de claros ou brancos.”

É de grande relevância a discussão sobre o racismo, assim como qualquer outro tipo de discriminação, já que são vários os casos que existem acerca desses fatores. Diariamente tomamos conhecimento de casos assim, de desrespeito para com o outro, e principalmente quando a cor da pele aparece como “protagonista” nesses episódios.

Casos são registrados todos os dias, mas há também aqueles que ficam no anonimato e que não são expostos ou tomados providências, é triste saber dessa realidade, que querendo ou não habita no nosso meio, e muitas vezes bem perto de nós, lugares esses que nem imaginamos que preconceitos e discriminações possam existir, como é o caso do ambiente escolar.

Os espaços educacionais não estão privados do racismo, pelo contrário, existe sim, e afeta negativamente a convivência e a harmonia entre a comunidade estudantil como num todo, já que causa conflitos e aborrecimentos que comprometem o bem-estar no espaço.

Se tratando que essa pesquisa foi realizada em um município do maciço de Baturité (Ce),⁵ podemos citar aqui a cidade de Redenção (antes denominada vila Acarape, nome de origem tupi guarani *Acará + pe* que significa “caminho dos peixes”), essa cidade ficou conhecida por ter sido o primeiro município brasileiro a abolir a escravidão, mais vale aqui salientar que o fim da escravidão não significa e nem significou o fim do racismo e discriminações contra o negro.

É muito preocupante que estudantes estejam em convívio ou que passem por esse episódio, principalmente em um lugar onde deveria ser um espaço harmonioso e acolhedor, já que a escola, depois da família, é um dos primeiros lugares de trocas de saberes e relações sociais de uma pessoa e por isso é lá que vai se construindo cada ser, suas percepções e ideias, marcando assim grande parte da sua jornada escolar, e querendo ou não vai marcar a sua forma de se ver e de se relacionar no meio social.

Por isso há uma grande necessidade em se analisar e propor discussões voltadas a essa temática, colocar em pauta, investigar e tentar desfazer e desconstruir esse tipo de pensamento racista e preconceituoso que atinge milhares de pessoas e que trazem tantos conflitos, dor, tristeza, angústia e até mesmo problemas de auto estima nas pessoas que passam por isso em algum momento de suas vidas.

⁵ Localizado no sertão central do Ceará, é uma formação geológica e é constituído por 13 municípios, sendo eles: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção.

É importante que se tenha um olhar mais “apurado” diante da existência de racismo e práticas discriminatórias no espaço escolar, para que mediante a isso possa ser repensado uma forma de tratar desse assunto com a comunidade estudantil e a sociedade como num todo, afim de causar uma reflexão e mudanças de pensamento do caso em questão, para assim evitar que isso continue a acontecer e a trazer tantos problemas. Já que é na escola que se constrói diálogos, assim como no convívio familiar, então esses dois, juntos, devem estar a par de situações cotidianas.

É necessário que a sociedade tenha o conhecimento desses casos, para assim ficarem atentos sobre o dia a dia de muitas pessoas. Deve-se prezar pelo dialogo, principalmente por se tratar de um fator recorrente, expor o assunto e propor novas formas de se combater já é um começo para que assim esses casos não fiquem fora de discussão.

Com o crescente avanço tecnológico e com essa nova era digital, aumentou a possibilidade de denunciar praticas racistas e preconceituosas, e assim vários casos ganham notoriedade fazendo com que chegue a outras pessoas e incentivando-as a buscar soluções necessárias. Tornando-se assim uma ferramenta de divulgação bem útil em tempos de tanta intolerância.

Porém, em meio à internet e redes sociais existe também um lado ruim, pois tem aquelas pessoas que se “escondem” atrás de perfis falsos ou de uma câmera para destilar o seu preconceito, atacando o seu próximo através de injurias na internet.

De extrema importância, debater o racismo e o preconceito é uma forma de desconstruir esse tipo de pensamento discriminatório e assim abrir possibilidades de se construir mais respeito. Buscar novas formas de se trabalhar sobre isso em sala também, abrir os horizontes e a esperança de que um dia a sociedade tenha mais equidade e seja mais justa.

Levando em consideração as questões acima expostas é tenho as seguintes perguntas de pesquisa: *Como se expressa, ou como se dá, o racismo anti negro nas escolas de Ensino Fundamental I em Acarape (Ce)?*

3- OBJETIVOS

3- OBJETIVOS

A sociedade profere um discurso acerca de um futuro melhor para o país, principalmente aquela parcela da população que se vê em grandes desigualdades. No entanto, por tempos o Brasil tratou do racismo como um “tabu”, para tanto uma das formas de construção de um mundo melhor é a exclusão do racismo anti-negro. Nesse sentido, é que o trabalho terá como Objetivo Geral:

- Identificar as formas ou expressões de racismo anti negro nas escolas de ensino fundamental I de Acarape (Ce)

3.1- Objetivos específicos:

- Promover discussões acerca do racismo anti negro na escola;
- Analisar as formas de discriminações anti negro e suas possíveis consequência para suas vítimas bem como daqueles/as que o praticam.

4 – TRATANDO DO RACISMO ANTI-NEGRO

É inegável que no Brasil exista e se dissemine o racismo, haja vista que esse é um fator presente desde a época escravocrata, mais precisamente no período colonial, durante esse tempo a desigualdade era grande entre os povos, e assim era disseminado o preconceito para com o outro, principalmente pelo status social e a cor da pele, fazendo com que um se achasse no poder de ter algum direito sobre o outro.

O racismo está presente desde os tempos mais antigos, na Antiguidade greco-romana esse fato já existia, em que “a África é citada como uma terra de pecado onde os homens nasciam corrompidos, com hábitos e paixões anormais” (SILVA, p. 22, 2009), e diante disso é possível notar que grande parte das discriminações e pensamentos racistas que aconteciam naquela época ainda se refletem e/ou estão presentes no nosso dia a dia, e de uma forma tão triste, já que chega muitas vezes a acontecer bem perto nós.

O fato é, que, desde essa época ainda hoje é possível observar e até presenciar esse lamentável episódio na sociedade em que estamos inseridos, é como afirma Azoilda Trindade em sua dissertação:

De certa forma, porém, o racismo que conhecemos hoje não deixa de ter em comum, com as ideias etnocêntricas mais antigas, a questão do uso das diferenças como justificação para a exclusão de um grupo por outro. (TRINDADE, p.25, 1994).

De certo que isto ainda ocorre e acaba por “marcar” a vida de quem passa por esse inconveniente, contudo, isso deve ser superado e desmistificado. É possível ver casos de racismo e de discriminação diariamente, nos espaços sociais, televisão, e também na internet, mais quando alguém é abordado e lhe é questionado se ele é racista e/ou preconceituoso a sua resposta quase sempre é não, porém se lhe é perguntado se ele conhece alguém que já cometeu racismo ou que tem preconceito, ele quase que automaticamente vai responder que sim.

Isso se torna bem contraditório, já que se o racismo existe, é claro que alguém o dissemina de alguma forma, mais não o admite quando lhe é questionado.

- Afinal, o que é o racismo?

Segundo Munanga (2003), o racismo:

é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, p. 8, 2003).

Ainda sobre o sentido do termo racismo, Fernanda Péres (2006. p. 27 *apud* Bulos, 2003. p. 255), faz a seguinte significação, “O racismo é entendido como uma ofensa que atinge o bem moral do indivíduo, levando em consideração alguma característica deste.”.

A pessoa que promove esse tipo de ação é racista, principalmente por se achar na propriedade de julgar, inferiorizar e agredir o outro, seja ele fisicamente ou psicologicamente.

É possível também perceber que o racismo acontece através de duas formas, sendo elas:

O racismo pode caracterizar-se de maneira implícita ou explícita, no qual nenhum segmento social está isento. O racismo explícito consiste nas ofensas verbalizadas e/ou ações de discriminações. Como exemplo, pode-se citar o fato de um indivíduo humilhar verbalmente um cidadão negro. Devido à legislação brasileira, que condenam tais práticas, o racismo explícito tem acontecido em menor proporção quando comparado com o racismo implícito. A discriminação implícita é a mais comum, pois aparece sutilmente de maneira subjetiva, sendo mais difícil seu combate por ser muitas vezes imperceptível. (SILVA e PALUDO, 2011).

Levando em consideração essa observação feita por Silva e Paludo (2011), de certo, no ambiente escolar, é possível observar que o racismo mais comum é o implícito, “mascarado” como “brincadeiras” recorrentes entre os indivíduos nesse ambiente.

Sobre essa questão do racismo implícito, que acontece muitas vezes por meio de “brincadeiras”, isso nada mais é do que o reflexo perpassado por gerações, ou seja, muitas vezes a criança vê certos acontecimentos em casa, pela sua própria família (que também é influenciada pelo próprio sistema racista) e acaba reproduzindo da mesma forma, mesmo que de forma inconsciente.

Depois do ambiente familiar é na escola que passamos a ter contato com um social diferente daquele em que estamos acostumados, pois ali teremos a oportunidade de se socializar, aprender, e de formular nossas primeiras convicções acerca de vários

assuntos, e sendo assim a escola não está alheia ao racismo e tais formas de discriminação:

A escola faz parte de um contexto social múltiplo que envolve diferentes realidades. Essa diversidade social frequentemente é alvo de comparações, desigualdades e preconceitos, e a escola, sendo parte da sociedade, sofre reflexos dessas desigualdades. (SCOPEL e GOMEZ, p.2, 2006).

É na escola também que se observa a integração de várias pessoas advindas das mais diferenciadas raças, crenças, culturas e etnias. Segundo Eryson Moreira, graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, devido a escola abrigar essa vasta diversidade os embates que acontecem nesse local acabam por serem “construtivas ou destrutivas, ou melhor, benéficas ou traumáticas para o indivíduo que neste caso se materializa na figura de um jovem negro em formação social”. (MOREIRA, 2010. p. 2).

Nessa fala “benéficas ou traumáticas”, podemos perceber que quando há uma integração com essas diferenças e quando eles se respeitam, conversam e procuram “escutar” e conhecer mais o outro diz-se assim que é uma relação benéfica e quando ocorre justamente o contrário, quando há desrespeito, discriminação e ofensas dizemos que essa se torna assim uma relação traumática, principalmente para a pessoa que se torna alvo de tais humilhações.

Assim, como falado anteriormente a escola não está livre de ter o racismo em seu cotidiano. E assim, há um grande desafio a ser superado, onde Luzianne Maria da Silva aborda em sua monografia que “existem muitas barreiras a serem rompidas em relação às questões raciais e, principalmente, no processo educacional.” (SILVA, p.42, 2014).

Pode parecer que não, mais nesses lugares é possível que mesmo sem ser de forma explícita aconteça algo de cunho preconceituoso e discriminatório e que seja “camuflado” como uma simples “brincadeira” e que muitas vezes passa despercebida diante dos olhos dos gestores e comunidade escolar em geral. No entanto isso não deve ser considerado apenas como uma brincadeira, já que causa no outro um sentimento de inferioridade.

E mesmo tendo toda uma ação de luta contra casos racistas, ele ainda persiste em acontecer, e a gerar até mesmo casos de “violência”, seja ela física e/ou psicológica, e como a sua ação é “agressiva” existe uma punição perante a lei sobre esse

tipo de violência. E de acordo com a explanação de Salles e Silva (2008), diante desse termo violência, as autoras destacam a forma como a mesma se retrata e se denota:

Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode se manifestar por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica. (SALLES e SILVA, p. 156, 2008).

É possível perceber que uma maneira de se “mascarar” alguns xingamentos e apontamentos para com o outro é o uso de metáforas, e isso é comum em sala, pois assim eles, os “agressores”, pensam encobrir o ato racista propriamente dito.

Racismo é considerado crime e quem o pratica ou o incita, deve ser chamada a atenção e até mesmo arcar com as consequências da sua ação. Assim disposto na lei 7.716/1989 (lei ordinária) 05/01/1989, no art. 1º diz: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

Portanto, esta lei assegura a pessoa que sofreu preconceito de cunho racista a tomar as providencias cabível a esta ação, mas muitas pessoas não estão a par dessa lei e por isso acabam por não denunciar o “agressor”, muitas vezes também isso ocorre por medo, como salienta Regina Celi dos Santos (2015):

Considerando que a legislação brasileira criminaliza as práticas de preconceito e discriminação na tentativa de coibir a intolerância, na maioria dos casos, a punição não acontece devido a não ocorrência de denúncias. A dificuldade de se registrar a denúncia de racismo pode acontecer por que em muitas vezes a prática acontece de forma velada, aliado a necessidade de se apresentar testemunhas, existindo o medo de sofrer sanções por parte de quem pratica. (SANTOS, p. 26. 2015)

Isso, de fato, torna-se preocupante, pois são vozes que não ecoaram, que se calaram mediante a tão absurdo descaso, no entanto denunciar e fazer com que a sua voz seja ouvida, tanto pelo poder judiciário quanto por outras pessoas que passam por isso diariamente é uma forma de tentar fazer com que os racistas não saiam ileso à tal pratica.

4.1 - O RACISMO NO LIVRO DIDÁTICO E A LEI Nº 10.639/03

Em 09 de Janeiro do ano de 2003 foi promulgada a lei 10.639 que tem como finalidade tornar obrigatório o ensino da História e cultura afro-brasileira nas escolas. Essa que por sua vez altera a lei de diretrizes e bases – LDB, e assim passa a incluir os artigos, 26-A, 79-A e 79-B. Assim como disposto na própria lei e no:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (BRASIL, 2003)

Ainda no 1º parágrafo deste artigo (art. 26-A), podemos perceber que a instituição educacional, seja ela pública ou privada deverá incluir:

...o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)

Se tratando do artigo 79-A esse por sua vez foi vetado, já o artigo 79-B passa a inserir a data “20 de novembro” no calendário escolar como data oficial da comemoração ao dia nacional da Consciência Negra. Data essa que é alusiva à introdução do negro na nossa sociedade, e que teve por escolha esse dia justamente por fazer referência ao dia da morte de Zumbi dos Palmares⁶, que segundo conta a história teria sido no dia 20 de novembro de 1695.

Contudo, essa lei trouxe consigo a oportunidade de que muitos/as estudantes conheçam e “possam gozar de uma educação que contemple as variadas formas de se conceber o surgimento da nação no que concernem aos aportes culturais existentes nos povos fundadores da nação.” (JESUS, p. 151. 2012).

E assim fazer com que tenhamos acesso a livros que nos mostrem e que nos dê a oportunidade de “ver” a verdadeira história que antes foi ignorada.

Os livros ainda continuam sendo importantes instrumentos utilizados em sala (mesmo com outras ferramentas existentes), e como salientam Queiroz e Ramos-Lopes (2016):

⁶ Foi uma importante personalidade guerreira para a historiografia brasileira e ficou conhecido por sua luta ao resistir contra a escravidão, foi líder do quilombo dos palmares, um dos maiores naquele período.

É necessário reconhecer que o livro didático possui certas limitações, especialmente em relação ao conteúdo. Diversos assuntos são tratados superficialmente ou sem grande valor. Costuma também haver muitas lacunas teóricas. Muitas vezes o autor omite informações que são importantes não permitindo que os alunos se aprofundem sobre determinados temas. Isso acontece pelo fato dos autores fazerem escolhas e selecionarem o que julgam mais essencial em um tema. (QUEIROZ e RAMOS-LOPES, 2016).

Isso é um ponto a se pensar, pois de fato, como dito mais acima, os livros ainda são bastante usados em sala e muitas vezes “o tratamento dos povos indígenas e afro-brasileiros nos livros didáticos são temas sobre o qual se costuma cometer certas uniformizações.” (QUEIROZ e RAMOS-LOPES, 2016).

É importante também salientar que a história contada na maioria dos livros didáticos encobre a rica e vasta memória da África, é pouco falado o contexto de seu percurso e a narrativa da cultura que nela existe, isso porque

É importante valorizar esse ponto exclusivo da cultura africana e afro-brasileira dentro das escolas, para que as crianças negras entendam que seus antepassados negros não eram escravos, eles estavam sendo escravizados, mas que suas histórias se fazem numa amplitude muito mais rica, de cultura plural e resistência severa ao domínio, as crianças negras precisam saber que seus antepassados foram grandes reis e rainhas tirados de suas dinastias para forçadamente tornarem-se escravos. (ALENCAR e VARELA, 2016).

Decerto que isso é recorrente, no que se diz respeito à exposição do contexto de exploração escravocrata e de recursos na África, na maioria dos livros vemos apenas o lado desfavorável dos acontecimentos e de forma negativa isso faz com que pensemos e cresçamos com um pensamento totalmente errado em relação aos fatos.

Por isso é importante pensarmos de outra forma, trabalhar a diversidade de culturas e se voltar para a riqueza de elementos construtivos e proveitosos que tem por trás dessas sociedades e contar toda a história que existe e que de certa forma foi ocultada, sendo mostrada somente o lado lamentável e ludibriado da escravidão.

Segundo Regina Celi (2015), um outro fator a se pensar é que muitas dessas crianças não se identificam “dentro do conteúdo trabalhado e do material didático ofertado”. A autora ainda afirma que:

...o afrodescendente tem dificuldade em se reconhecer em suas origens, uma vez que o tempo todo lhe é dito que tem que se adequar ao padrão

socialmente aceitável e imposto, frequentemente o padrão europeu. Poucos alunos se orgulham de se reconhecerem enquanto raça negra/preta, pois, ninguém gosta e nem quer ser segregado e discriminado, por que é a isto que tem sido exposto o povo negro ao longo da história. (SANTOS, 2015, p. 13).

Muitas crianças e jovens tem receio em falar sobre a sua raça e/ou cor, por conta justamente disso, de se sentirem inferiorizados e até por medo de sofrerem alguma opressão. Ainda sobre essa questão, em seu trabalho Ramos e Licori (2015), acentuam que os discentes:

...ao ver sua imagem vinculada a estereótipos negativos, apresentados de forma submissa, em trabalhos de menos prestígio, associado ao mal, ao sujo, representados como minoria e inferior em nossa sociedade, o aluno negro tenderá a negar sua identidade. (RAMOS e LICORI, p. 9. 2015).

E isso vem a acontecer justamente por conta do paradigma imposto pela própria sociedade.

É importante ressaltar que é de grande relevância propor incorporar histórias afrocentradas, ou seja, voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira, para fazer com que as crianças se sintam representadas, pois diante do contexto da escravidão era passado assim uma visão errada e que faz com que cresça uma “cultura” de inferioridade para com esses povos.

É notável que em alguns livros didáticos, mesmo depois da implementação da lei 10.639/03, ainda não contemplam totalmente, ou como deveria ser contemplada, a história e cultura afro brasileira.

Quanto à realidade de algumas escolas, Ana Lucia Valente (2005), aponta algumas dificuldades no processo da inserção do assunto “relações raciais na escola”, assim, como também nos materiais e práticas didáticas que auxiliem melhor o debate e combate do assunto em sala, dessa forma

Há um ritual pedagógico que exclui a história de luta dos negros, impõe um ideal de ego branco, folcloriza a cultura negra mas, no discurso, propugna a igualdade entre as crianças, independentemente de cor; os livros didáticos discriminam os negros e falta material de apoio que auxilie aos professores a enfrentar o preconceito e a discriminação intra-escolares; a escola não auxilia a formação da identidade racial e, além disso, reforça de forma negativa alguns estereótipos que prejudicam o processo socializador. (VALENTE, p. 64. 2005).

Nesse sentido, Valente, ainda afirma que é preciso se voltar para essas lacunas existentes no sistema educacional, “no sentido de “equipar” a sociedade e, em especial, a escola, para progressivamente enfrentar a questão racial.” (VALENTE, 2005, p. 65).

O dia a dia na escola está envolto de situações em que o racismo aparece, mais nem sempre de forma totalmente explícita (em alguns casos), muitas vezes “disfarçado” de “brincadeiras” ele ocorre na vida das crianças e jovens, e o pior é que acaba se tornando um fato recorrente e que muitas vezes não é levado a sério.

o nosso cotidiano escolar, em qualquer nível que nele se pense, está imbricado de discursos racistas mais ou menos explícitos, mais ou menos inconscientes, discursos que, sob o manto da inconsciência ou da brincadeira, despotencializam as diferenças. (TRINDADE. p. 82, 1994).

Mais o que é dito “brincando” nem sempre vai ter o efeito de diversão ou de uma situação engraçada, isso é frequente na pré-adolescência onde os jovens tendem à se socializar em pequenos grupos, onde certos tipos de comentários para eles tem um “peso” maior. É nessa faixa etária que o jovem se descobre e se auto avalia, onde por vezes ele, com medo de ser discriminado tenta se enquadrar à determinado padrão, sonhando assim a sua identidade.

5- METODOLOGIA DA PESQUISA

Para este trabalho será utilizado o método de pesquisa qualitativa, a qual é pensada por Gerhardt e Silveira (2009) como:

A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GERHARDT e SILVEIRA, p.32. 2009).

O trabalho será desenvolvido através de observação participante e posteriormente por meio de entrevistas, isso porque

na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada. As pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu próprio ambiente. Assim, na observação participante o pesquisador deve se tornar parte de tal universo para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem. (PROENÇA, 2007, p. 9).

De modo que essas atividades possam mobilizar docentes e estudantes sobre as formas do racismo anti negro no espaço escolar, para tanto já houve uma conversa informal com alguns professores e um diálogo com duas ex- estudantes sobre o tema trabalhado. Nesse sentido Flick (2013), demonstra que:

A coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta e tem como objetivo um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso que está sendo estudado. Por isso, menos questões e respostas são definidas antecipadamente; havendo um uso maior de questões abertas. Espera-se que os participantes respondam a essas questões espontaneamente e com suas próprias palavras. (FLICK, p. 23. 2013).

Se tratando da conversa, foi indagado a uma determinada professora se era trabalhado a questão do racismo ou se existia algum projeto ou atividade que incluísse essa temática, a mesma falou que não, já em relação à data 20 de novembro, dia da consciência negra, ela relatou que é feito atividades em alusão à data, mais não é uma

coisa que é sempre trabalhada em sala, o que fica assim a cargo do professor fazer tal atividade alusiva, o que geralmente só ocorre em datas comemorativas.

Outro professor relatou que nessa data, busca realizar e trazer para dentro de sua sala alguma ação ou exercício que desperte e faça o aluno refletir sobre a data e o que a mesma vem repensar. Seja por conversa, indagações ou contação de histórias.

Outra professora falou da necessidade e importância em se falar com os alunos sobre determinados temas, como o preconceito e o racismo, e também entre outros como drogas e gravidez na adolescência, assim como da relevância em se trabalhar a questão do respeito e da auto estima. Sobre isso ela ainda acrescentou que deseja incluir na realidade desses alunos alguma atividade ou palestra sobre esses temas.

E mediante o assunto, racismo na escola, já busquei tratar, de forma ainda superficial, do tema dessa pesquisa com duas ex-estudantes e as indaguei sobre a temática “Racismo na escola”, fazendo as seguintes perguntas:

1- “Você já sofreu racismo na escola?”. E sobre isso uma moça, que nomearei como “Pessoa I”, respondeu:

“Já. Já me chamaram de “Nega” e “Cabelo de Mola”, e eu não gostava, mais não podia fazer nada porque não sabia como reagir e ficava só calada quando passava por essa situação.” (Pessoa I, 19 anos).

2- Alguma vez você já quis mudar seu cabelo para que eles parassem?

“Já. Eu muitas vezes queria mudar o meu cabelo, quis alisar para que eles parassem de me ofender. Quando passava prancha e ia pra escola, era a mesma coisa, eles ficavam falando que se o meu cabelo molhasse, ia encolher de novo, ficavam até cantando uma música que era mais ou menos assim: “e choveu, cabelo encolheu” ...é muito ruim passar por isso, porque você acaba por não querer mais ir pra aula. Os colegas de classe ficavam rindo, mais não era só comigo, as meninas das outras também sofriam, porque tinham o cabelo cacheado ou porque alisavam.” (Pessoa I, 19 anos).

3- E hoje, como você lida com essa discriminação?

“Hoje eu me aceito do jeito que eu sou, e meu cabelo, bom, o meu cabelo é todo cacheado, solto e volumoso. Com as palestras que as escolas fazem sobre o racismo, aprendi a me

defender e sei que não tô sozinha, e que sou linda do meu jeito.” (Pessoa I, 19 anos).

Por meio desses breves relatos é possível notar que mesmo quando ela (a moça interrogada) quis “mudar” o cabelo os colegas ainda riam da situação. Um outro ponto a se pensar é que diante de tais ofensas ela disse que não reagia e que não sabia o que fazer, nem mesmo recorrer a alguém que pudesse intervir nesse caso.

Muitos discentes acabam por se calar devido não serem ouvidos por parte de gestores e professores, ou até mesmo de familiares que consideram isso como “coisa de criança” ou “brincadeira de jovens”, quando justamente a situação é séria. Segundo Kawashima (2007) *apud* Debardieux (2002) isso tem um efeito negativo pois:

O mais grave é a sua repetição, acarretando uma sensação de abandono e desrespeito entre as vítimas e o sentimento de impunidade que se desenvolve entre os praticantes (KAWASHIMA, P. 20, 2007).

E são atitudes como essa que acabam por fazer o/a jovem ou até a criança a achar que está sozinho e que não tem a quem recorrer, muitas vezes por vergonha de se expor eles se fecham à tal fato.

Muitos/as adolescentes nem se quer sabem que esses insultos não são meras “brincadeiras” e que são na verdade a discriminação camuflada de piadas. Como é possível perceber nesse outro relato de um jovem, intitulado aqui como “Pessoa II” diante da pergunta: **“Você já sofreu racismo na escola?”**

Eu não, mais já presenciei um caso em que um garoto da escola que eu estudava no ensino fundamental sofreu... os colegas da escola chamavam ele de “(o nome dele) ...macaco”, mais sempre chamavam ele assim, ele levava na brincadeira, parecia não se incomodar, e também entrava na brincadeira, não levava muito à sério não. Mais também ninguém nunca chegou pra ele e perguntou se ele gostava dessas brincadeiras de mal gosto. (Pessoa II, 20 anos).

Por meio desses pequenos relatos fica evidente mais uma vez o que foi dito acima, que o racismo anti negro é tratado como uma simples “brincadeira” quando na verdade não é. Diante desses relatos percebo reafirmo o meu interesse em aprofundar sobre como se dá as formas de racismo anti negro na escola.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as questões abordadas e situações percebidas, fica claro que o racismo, assim como discriminações, existem. E que ainda permeiam no meio da nossa sociedade.

E em relação ao ambiente escolar, este por sua vez, ainda é “afetado” por esse tipo de situação, ele está ali, só que muitas vezes tão “mascarado” que passa despercebido diante dos nossos olhos, mais não para aquele que sofre e que se vê nessa condição de vítima no seu cotidiano.

E se falando da sua ocorrência nesse espaço, é possível perceber que ele se manifesta e se expressa por meio de ações disfarçadas de “brincadeiras”, e que geralmente passam a ser recorrentes quando não são tomadas as devidas providências.

Para tanto, é necessário estar atento a esse tipo de acontecimento, para que isso venha a ser superado e assim a realidade de muitas crianças e jovens seja mudada.

Contudo, criar estratégias para evidenciar e coibir o racismo anti negro na escola é uma forma se assim lutar para fazer com que ele venha a ser abolido, pois debater é importante, para que assim se procure meios a serem trabalhados para a sua desconstrução.

Assim, fica aqui exposta a minha intenção em continuar aperfeiçoando essa pesquisa no que se diz respeito à ocorrência e estudo do racismo no ambiente escolar.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Erick Cauann Marques. VARELA, Gabriely Nascimento. **A importância do combate ao racismo no ambiente escolar – Lei 10.639/03 e as dificuldades em sua efetivação.** Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA9_ID768_17082016212612.pdf acesso em: 07/02/2018

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Presidência da república, Presidência da república, Casa civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.** Presidência da república, Casa civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, 5 de janeiro de 1989.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa:** um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre, ed. Penso, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo, (Org.). **Métodos de pesquisa.** Universidade Aberta do Brasil- UAB/UFRGS. Graduação tecnológica- Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: ed. da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. CAVALLEIRO, Eliane. In: (org.). **Educação antirracista:** caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03. In: Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Ministério da educação/SECAD, 2005.

JESUS, Fernando Santos de. **O “negro” no livro didático de história do ensino médio e a lei 10.639/03.** História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-171, jan./jun. 2012.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Afrodescendencia e africanidades**: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre população negra no Brasil. 2013.

KAWASHIMA, Rosana Akemi. **Condutas de discriminação entre crianças da educação infantil**. Marília. 2007.

MOREIRA, Eryson de Sousa. **A construção social do indivíduo negro no âmbito escolar**. I Encontro de História do Centro de Artes, Humanidades e Letras – CAHL. Bahia. 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ. 2003.

PÉRES, Fernanda. **Preconceito racial uma ofensa ao princípio da igualdade**. Itajaí, maio de 2006.

PROENÇA, Wander de Lara. **O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro**. Disponível em: http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf Acesso: 04 abr 2018.

QUEIROZ, Meiridiana de Oliveira. RAMOS-LOPES, Francisca. **Ressignificar é preciso! A imagem do negro em livros didáticos de português**. 3º Congresso de Educação. Rio Grande do Norte, 2016.

RAMOS, Sebastian. LICORI, Elaine dos Santos. **A visão discriminatória e estereotipada sobre o negro no contexto escolar**. 2º Congresso de Educação. Campina Grande, PB. 2015.

SALLES, Leila Maria Ferreira. SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar**: algumas reflexões. Cadernos de Educação. Pelotas, p. 149-166, jan./jun. 2008.

SANTOS, Regina Celi dos. **Contribuições para superar o racismo na escola**: valorização pelo re-conhecimento da importância da identidade, história e cultura afro-brasileira. Universidade de Brasília – UnB. Brasília. 2015.

SILVA, Flavia Carolina da; PALUDO, Karina Inês. **Racismo implícito**: um olhar para a educação infantil. Revista africana e africanidades. Ano IV. n.14/15. ago./nov. 2011.

SILVA, Luzyanne Maria da. **O cabelo crespo e a trajetória escolar no processo de construção da identidade negra.** Redenção, 2014.

SILVA, Geranilde Costa e. **O uso da literatura de base africana e afrodescendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza:** construindo novos caminhos para repensar o ser negro. Fortaleza, 2009.

SCOPEL, Delza Tonole. GOMEZ, Mercedes Silvério. **O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira.** Revista educação e tecnologia. Ano 2, num. 1 – Abr./Set, Espírito Santo, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.

VALENTE Ana Lúcia. **Ações afirmativas, relações raciais e educação básica.** Universidade de Brasília, 2005.